

FAPESP

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Programa Pós-doutorado

Título do projeto

Gênese de um criador de conceitos. Gilles Deleuze : 1945-1969

Pesquisador responsável

Vladimir Pinhero Safatle

Candidato à bolsa

Giuseppe Bianco

Instituição sede

USP - Campus São Paulo

Resumo

Esse projeto se propõe a reconstruir a gênese da filosofia de Gilles Deleuze desde 1945 – momento em que o autor, jovem estudante da Sorbonne, compôs cinco ensaios pouco conhecidos – até o final dos anos 1960, quando ele defendeu suas duas teses de doutorado : *Diferença e repetição* e *Espinosa e o problema da expressão*; assim como publicou o livro *Lógica do sentido*. Tais trabalhos constituem o ponto de encerramento do pensamento de Deleuze – construído sobre a confrontação com a fenomenologia, epistemologia, antropologia e psicanálise – antes do encontro com Félix Guattari. A partir de uma série de escritos pouco conhecidos (artigos, transcrições de curso) e numerosos documentos absolutamente inéditos (cursos, rascunhos de obras, cartas, anotações), esse projeto se propõe à uma análise que vai na contracorrente de interpretações usuais da filosofia de Deleuze, tais quais abordagens “instrumentais”, que simplesmente se servem de conceitos filosóficos e de abordagens “sistêmicas”, que tendem a apenas apreender a coerência estrutural da filosofia de Deleuze. O presente projeto se propõe, desse modo, a aplicar aos textos deleuzeanos uma abordagem “contextualizante”, que faz proveito dos métodos das ciências históricas e sociológicas e que, ao mesmo tempo, respeita seu conteúdo “filosófico”. Opondo-se a ideia, tão difundida, de uma irreduzibilidade das criações filosóficas à simples explicações psicossociais, esse trabalho visa compreender o escopo dos conceitos implementados por Deleuze a partir de seu contexto de emergência, contexto social e epistemológico. O objetivo geral é a redação de uma monografia capaz de fornecer uma chave de compreensão completamente inédita à primeira parte do itinerário teórico de Deleuze (1945-1969).

Palavras-chave

Gilles Deleuze, história, filosofia francesa, sociologia, dialética, inconsciente, literatura.

FAPESP

São Paulo Research Foundation Post-Doctorate Fellowship Program

Title of the project

Genesis of a Creator of Concepts: Gilles Deleuze, 1945-1969

Supervisor

Vladimir Pinhero Safatle

Candidate

Giuseppe Bianco

Research Institution

USP - Campus São Paulo

Abstract

This project aims at reconstructing the genesis of Gilles Deleuze's philosophy since 1945 – year in which the author, young student, writes five unacknowledged essays – and the end of the Sixties – when he defends his two PhD dissertations (*Difference and repetition* and *Expressionism in philosophy. Spinoza*) and he publishes the book *Logics of sense*. Those works constitute a coherent sequence in the development of Deleuze's philosophy before the encounter avec Felix Guattari, a sequence which is the result of a confrontation with phenomenology, epistemology, anthropology and psychoanalysis.

Starting from the analysis of unacknowledged writings (articles, transcription of conferences) and from hundreds of pages of completely unpublished materials (courses, reviews, letters, notes), this project aims at going against the tide, opposing to two usual interpretations of Deleuze: the "pragmatic" ones – which simply use his concepts – and the "systematically" ones – which aim at seizing the supposed internal coherence of his philosophy.

The project applies to Deleuze's texts a "contextualizing" approach, which consists in using methods taken from social and historical sciences but which aims, at the same time, at preserving the "philosophical" content of those texts. Going against the idea of an irreducibility of philosophical creations to social and psychological determinations, this study try to explain deleuzian concepts starting from their context of emergence, a context that is, at once, social an epistemological. The general objective is to write a monograph able to give an altogether innovative interpretation of the first part of Deleuze's theoretical trajectory.

Keywords

Gilles Deleuze, History, French Philosophy, Sociology, Dialectics, Unconscious, Literature.

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA.....	4
1.1 "INSTRUMENTAIS" E "SISTEMICOS"	4
1.2 O RECALQUE DA HISTORIA	6
1.3 HIPOTESE	8
2. RESULTADOS ESPERADOS	8
2.1 SOCIOANALISE.....	8
2.2 ANALISE DE NOVOS DOCUMENTOS	10
2.3 OBJETIVO GERAL.....	11
3. DESAFIOS CIENTIFICOS E METODOS.....	12
3.1 POSTULADOS DE METODO.....	12
3.2 INSTRUMENTOS.....	13
4. PLANO GERAL E CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES	16
5. DISSEMINAÇÃO E AVALIAÇÃO.....	17
5.1 DISSEMINAÇÃO	17
5.2 AVALIAÇÃO.....	17
6. BIBLIOGRAFIA	18

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA

1.1 “Instrumentais” e “sistemicos”

Apesar da passagem das modas intelectuais, durante os vinte anos que seguiram a morte de Gilles Deleuze (1925-1995), a literatura secundária sobre o filósofo francês não parou de crescer de maneira exponencial; a tal ponto que hoje é quase impossível manter-se atualizado sobre seu desenvolvimento. Sem esquecer a importância de uma análise das modalidades desse sucesso – objetos dos estudos relativos a transferências culturais (ESPAGNE, 1999), da sociologia da circulação transnacional dos bens simbólicos (PINTO, 1995; BOURDIEU, 2002; BOSCHETTI, 2010) e da história da recepção (CUSSET, 2003) –, essa grande massa de escritos pode, no fim das contas, ser classificada em duas categorias.

A primeira, para retomar a célebre expressão foucaultiana, é a que considera os textos como “caixas de ferramentas”. Trata-se de escritos que, com a força das declarações emitidas por Deleuze durante os anos 1970-1980 e de suas sugestões de trabalho, utilizam de maneira descomplexa os conceitos tirados de suas obras ou os prolongam a fim de explicar objetos e campos de estudo que o filósofo havia abordado de maneira mais ou menos periférica ou que não havia tematizado explicitamente: teoria política, etnologia, epistemologia, teoria das novas tecnologias, estudos de gênero, ecologia, filosofia do direito, crítica literária e musical e assim por diante. Esses escritos – que, às vezes, consistem em estudos fecundos, mas que, mais amiúde, são somente simples exercícios de estilo à maneira dos “Studies” estadunidenses – não requerem uma análise da história dos conceitos que eles utilizam enquanto instrumentos de trabalho.

A segunda categoria é a das leituras feitas a partir de uma abordagem que se reclama, ao contrário, inteiramente filosófica. Trata-se de reconstruções do conjunto do “sistema” deleuziano, às vezes guiadas por um tema considerado como dominante: o evento, a multiplicidade, o transcendental, a ontologia, etc. Essas reconstruções, cujo valor filosófico é em certos casos incontestável, vão à procura de uma “ordem das razões” (GUEROULT, 1956) que subjazem à totalidade dos textos escritos por Deleuze; elas adotam, na melhor das hipóteses, uma abordagem francamente sincrônica ou manifestam esquemas diacrônicos simples, tanto no plano qualitativo – utilização de escalas irrefletidas – quanto no plano quantitativo – simples enumeração cronológica das datas de publicação dos livros e dos artigos de alguns

outros contemporâneos. O esquema é ora sincrônico, ora teleológico e pré-formacional.

Diríamos que as primeiras leituras tiram dos textos um *método* ou instrumentos conceituais e que as segundas os analisam enquanto *objeto*. Contudo, encontramos raramente um dos dois gêneros em estado puro; mais amiúde, trata-se de uma emulsão em doses variáveis de método e de objeto, o que dá lugar a este tipo de literatura que chamamos correntemente, adotando uma expressão utilizada tradicionalmente em história da arte, “du Deleuze”. Apesar de suas diferenças, dois traços são comuns a uma boa parte dessa literatura secundária. O primeiro é seu caráter secreta ou abertamente partidário: defendem-se os conceitos de Deleuze das possíveis críticas ou dessacralizações, ressalta-se seu caráter excepcional, toma-se-lhe emprestado o método de exegese e, às vezes, mesmo o estilo. O segundo traço consiste em uma abordagem essencialmente internalista: trata-se de abstrair os textos de seu contexto de emergência e de pôr em cena o autor – cuja boa vontade e consciência prévia das grandes linhas de seu futuro projeto filosófico dão-se por certas – em sua interação, puramente conceitual, com os outros autores da história da filosofia. Apesar das boas intenções dos pesquisadores, que manifestam frequentemente uma certa desconfiança em relação às práticas tradicionais do comentário acadêmico, essas operações permanecem mais amiúde consubstanciais com o gênero da história *filosófica* da filosofia. Esse tipo de narrativa parece-se, para dizê-lo com as palavras sarcásticas da epistemóloga e filósofa Judith Schlanger, com um “passeio pedagógico de Beatriz através dos círculos do Paraíso”, com “uma ata de uma interminável sessão da sociedade dos espíritos” (SCHLANGER, 1983, p. 31). Componente essencial de um dispositivo que, desde a emergência e a autonomização do campo filosófico durante o século XIX, deve assegurar e preservar as “fronteiras epistemológicas” (FABIANI, 1988) da disciplina, esse tipo de história da filosofia foi implicitamente praticado ou abertamente defendido pelos filósofos. Os efeitos buscados são quase sempre os mesmos: a autolegitimação do “especialista”, que se opera por meio de um julgamento normativo feito sobre o autor estudado, a emergência de uma barreira contra toda possível explicação não-filosófica dos textos – tachada de superficial, reducionista ou, pelo menos, limitada –, a garantia da superioridade da leitura filosófica dos textos analisados. Esse tipo de narrativa, discurso nativo, visa, portanto, a justificar um certo número de práticas intelectuais surgidas em um momento preciso do desenvolvimento da filosofia enquanto

disciplina e constitui um obstáculo epistemológico que deveria, por conseguinte, ser o objeto de uma análise.

1.2 O recalque da história

O caso de uma grande parte da literatura secundária sobre Deleuze – sob esse aspecto análoga àquela sobre alguns dos filósofos de sua geração, como Derrida ou, em menor medida, Lyotard e Foucault, que, desde os anos oitenta foram colocados sob os vagos rótulos do pós-estruturalismo ou da filosofia da diferença – é, contudo, singular na história das monografias sobre filósofos. Essa singularidade é o resultado do efeito encantatório provocado pelo estilo e a maneira de agir dos escritos de Deleuze em uma boa parte de seus leitores. Esse encantamento bloqueou toda tentativa de objetivação, legitimando, em revanche, um discurso ritual. Por sua vez, abriu o caminho para as reações acríicas dos comentadores diante das declarações de Deleuze em relação ao caráter anômalo de sua própria trajetória intelectual: anômala em relação à sua geração, em relação à história da filosofia francesa do século XX ou mesmo em relação à história da filosofia. Nos raros textos em que se exprime sobre sua trajetória intelectual, Deleuze apresenta-se como um filósofo “clássico” por causa de sua inabitual abordagem metafísica (portanto, anti-heideggeriana, antimarxista e antifenomenológica), como um historiador da filosofia “pervertedor”, privilegiando ou pertencendo a uma linhagem “menor” de filósofos, como um pensador “vitalista”, como um “construtor de máquinas”, como um “filósofo pop”, enfim, como um “criador de conceitos”. A falta de recuo em relação a tais declarações é o sinal de uma falta de sentido histórico dos leitores de Deleuze, que, por sua vez, apropriaram-se das posições do filósofo acerca da história. Por razões contingentes como uma boa parte de sua geração, a partir dos anos 1960, Deleuze mostrou uma forte hostilidade em relação ao conceito de dialética, dominante durante os anos 1940 e 1950. Essa hostilidade acompanhava sua desconfiança em relação à categoria de sujeito e a toda concepção “continuista” ou “teleológica” do tempo filosófico. Não somente Deleuze considera a história hegeliana da filosofia como uma montagem monstruosa, mas trata também a história da filosofia, enquanto disciplina acadêmica, como uma horrível máquina ligada ao Estado, como uma “escola de repressão que desensina a pensar”. A essa condenação segue-se aquela, aliás, comum a seus contemporâneos Michel Foucault (FOUCAULT, 1994) e Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1994), da função-autor e do gênero biográfico. A consequência dessa atitude – salutar em todos

os aspectos, e que poderia ter levado Deleuze a aproximar-se dos sociólogos e historiadores a fim de criticar com base em instrumentos conceituais epistemologicamente controláveis o discurso filosófico sobre a história da filosofia e o discurso biográfico sobre os filósofos – levou-o, em revanche, a tomar posições contrárias às esperadas. O filósofo mostrou uma certa reticência diante da aplicação na filosofia dos esquemas de explicação tirados da história e das ciências sociais que, entretanto, ele conhecia muito bem e que tinha discutido em obras redigidas com Guattari. Segundo Deleuze, as ciências humanas e sociais – *qua* ciências reais (DELEUZE; GUATTARI, 1980) ou *qua* ciências simplesmente (DELEUZE; GUATTARI, 1993) – não seriam capazes de explicar – salvo com uma distorsão essencial – o *próprio* da filosofia.

Aliás, desde seus primeiros passos como filósofo (DELEUZE, 1953), Gilles Deleuze mostrou-se partidário de uma concepção da filosofia que denominarei “excepcionalista”. Trata-se de uma concepção ligada à história da filosofia entendida como “disciplina de coroamento” (FABIANI, 1988), que afirma a irredutibilidade absoluta da filosofia aos outros saberes e sua irredutibilidade relativa aos determinantes psicossociais. Ela reserva, então, sua intelecção unicamente aos filósofos, embora deixe espaço para a compreensão e/ou as utilizações selvagens dos “não-filósofos”. O caráter excepcionalista da teoria filosófica da produção filosófica de Deleuze chega a sua pureza em *O que é a filosofia?* (DELEUZE, 1993). Aqui, Deleuze e Guattari afirmam a irredutibilidade do discurso filosófico no meio do qual ela emerge e sua heterogeneidade em relação à “ciência” e à “opinião”. Ao contrário da ciência, a filosofia trataria dos eventos e não dos “estados das coisas”, manifestar-se-ia a partir de um “plano de imanência” e não de um “plano de referência”, teria como sujeito “personagens conceituais” e não “personagens psicossociais”, utilizaria “conceitos” e não “universais”. Deleuze e Guattari avançam enfim a ideia de que, para um filósofo, o problema da natureza da filosofia coloca-se tardiamente: trata-se de um problema “da velhice”, que se coloca de “maneira concreta” “quando não se tem nada mais que perguntar” (DELEUZE; GUATTARI 1993). Mas essa atenção para o “tempo de vida” é aparente, pois, como Deleuze esclarece em seu último escrito intitulado “A imanência: uma vida...” (DELEUZE, 1995), o que interessa à filosofia não é a vida biológica ou psicológica, mas a vida “impessoal” (ou inorgânica) que torna possível toda outra vida “individuada”.

Formulando tardiamente uma teorização filosófica da filosofia enquanto criação assubjetiva e infra-histórica de conceitos, assim como uma teoria da temporalidade

filosófica centrada no conceito de evento, acompanhando essa teoria com uma autoanálise com traços impressionistas (DELEUZE, 2004a), com uma prática de destruição ou de ocultação sistemática dos rascunhos de sua obra e com uma estrita proibição da publicação da correspondência, dos inéditos e dos escritos da juventude (DELEUZE, 2004b), Deleuze barrou – por bem ou por mal, consciente ou inconscientemente – todo estudo alternativo aos dois tipos de literatura secundária que acabo de mencionar mais acima (leitura “caixa de ferramentas” e leitura “sistêmica”). Essa barreira eleva-se contra uma reconstrução de seus textos a partir de documentos com base no modelo da crítica genética, contra uma análise etnográfica de seu trabalho intelectual (JACOB, 2011), contra a descrição sociológica de sua trajetória (LAMONT, 1988; PESTANA, 2006; GROSS, 2009), contra uma simples leitura da obra a partir da perspectiva da história intelectual (BARING, 2011) e, mais em geral, contra todo estudo inspirado pelas ciências sociais. A ausência de um arquivo sobre o filósofo – enquanto, em contrapartida, existe um arquivo Félix Guattari – é uma prova ulterior de uma clara estratégia autoral, perseguida fielmente pelos herdeiros e pelas editoras.

1.3 HIPÓTESE

A única maneira de apreender o escopo, o valor e a atualidade dos conceitos deleuzeanos é a oposição às resistências dos comentadores à contextualização, operacionalizando, assim, uma franca historização dos conceitos deleuzeanos, inserindo-os em seu âmbito de emergência: ao mesmo tempo, epistemológica e social. A proposta desse projeto diz respeito, portanto, à uma tentativa inédita que vai na contracorrente das interpretações habituais da filosofia de Deleuze.

2. RESULTADOS ESPERADOS

2.1 Socioanálise

Apesar dessas resistências, o caso Deleuze não é excepcional. Os conceitos deleuzianos desenvolvem-se a partir de discursos inscritos em textos; a circulação desses textos não é completamente controlável; todos os textos são marcados por uma temporalidade (*marginalia*, anotações, rascunhos, provas), por um caráter (cursos, livros, ensaios), portanto, por uma intenção estratégica (polêmica,

pedagógica), por um público de leitores ao qual são destinados (estudantes universitários, colegiais, colegas, grande público) e por um lugar de inscrição (jornal, revista, coleção, editora, etc); esses textos emergem de um certo contexto epistêmico (disponibilidade das traduções e dos materiais de trabalho, etc.) e de um espaço de possíveis determinado pela posição do autor no espaço social (capital econômico e simbólico familiar); esses textos inserem-se também em um campo disciplinar e social polarizado (estado do campo intelectual e da disciplina); em suma, os textos e sua composição são submetidos a todo tipo de pressão epistêmica, social e econômica.

Recentemente, a publicação de inéditos (GUATTARI, 2012; DELEUZE, 2006) ou a republicação em língua estrangeira de ensaios da juventude dos quais Deleuze não havia autorizado a reprodução e cujos herdeiros fizeram de tudo para dificultar o acesso, assim como a publicação da primeira biografia (DOSSE, 2007), pareceram, ao menos para alguns, ser o anúncio de uma possível mudança de direção. Contudo, por um lado, a publicação ou a republicação de novos textos foi acompanhada por leituras que os reinserem em um reconfortante *Bildungsroman*, por outro lado, apesar dos esforços feitos recentemente para tentar fornecer um quadro teórico capaz de relacionar fatos de vida e conceitos (COSSUTTA; DELORMAS; MARINGUENEAU, 2013), a única biografia disponível parece expor-se tanto às críticas dos filósofos – que censuram o autor por não ser capaz de entrar suficientemente nos textos – quanto às de historiadores e sociólogos (ANHEIM; LILTI; VAN DAMME, 2009) – que chamam a atenção para seu uso descomplexado de fontes e sua falta de ferramentas conceituais.

Esta pesquisa tenta fornecer alguns elementos, decerto provisórios e limitados, para preencher uma lacuna. Propõe um ângulo de abordagem metodológica relativamente novo em história da filosofia, acompanhado pela mobilização de arquivos até então desconhecidos. Propõe-se a desenvolver uma “socioanálise” da filosofia de Deleuze, a saber, um estudo da maneira pela qual os conceitos de Deleuze foram socialmente produzidos. Meu objetivo, assim, é o de analisar a trajetória de Deleuze durante os anos quarenta, cinquenta e sessenta, durante o período considerado como o mais “acadêmico” de seu itinerário, até a publicação de duas teses sobre *Diferença e repetição* (DELEUZE, 1968a) e *Spinoza e o problema da expressão* (DELEUZE, 1968b). Essa escansão temporal é justificada por uma série de mudanças importantes que advêm depois de 1968: mudança das modalidades da pesquisa e do ensino de Deleuze (que se desloca da universidade de Lyon para o centro experimental de Vincennes), mudança da configuração das relações entre

filosofia e política e entre filosofia e ciências sociais, mudança das modalidades de redação de Deleuze (marcada pelo trabalho a dois com Guattari). Em contrapartida, deixarei de lado a divisão estabelecida por Deleuze entre “livros em seu nome” e “livros sobre filósofos”, assim como suas leituras retrospectivas de seu trabalho.

Tomarei o nascimento, a interiorização e o desenvolvimento das disposições teóricas de Deleuze a partir das redes intelectuais, do estado do campo e do espaço dos possíveis a sua disposição a partir de seu capital simbólico familiar. Cada artigo e cada livro, assim como a reação aos livros (relatórios, cartas, etc.) será levado em consideração não como uma etapa em um percurso teórico já esboçado, mas a partir de seu campo de inscrição e das intenções perseguidas pelo ator em questão.

2.2 Análise de novos documentos

Durante minhas pesquisas nos arquivos franceses, ao longo dos seis últimos anos, pude reunir (transcrever ou fotografar) um grande número de textos inéditos ou desconhecidos de Deleuze. Mobilizarei esses documentos que compararei com as obras e ensaios publicados, utilizando a metodologia fornecida pela crítica genética e tentando evitar a armadilha constituída pelas leituras teleológicas.

2.2.1 Uma primeira série de textos é constituída pelos ensaios da juventude, escritos por Deleuze antes da publicação de seu primeiro livro de 1953 e antes do concurso para professor (*agrégation*) em 1948 (DELEUZE, 1945, 1946a, 1946b, 1947, 1948). Já conhecidos pela maioria dos “deleuzófilos”, embora nunca tenham sido objeto de uma análise, são textos de segunda mão escritos sob encomenda ou pastiches muito inspirados pela filosofia de Sartre. Inscritos em seu contexto de publicação (revistas, editoras, redes de sociabilidade), seus escritos ajudam, entretanto, a lançar luz sobre as primeiras obsessões conceituais de Deleuze - inspiradas notadamente por Sartre, pelo hegelianismo e por alguns clássicos da história da filosofia - e sobre as disposições interiorizadas durante os anos de formação.

2.2.2 O segundo texto consiste no longo curso sobre *Qu'est-ce que fonder? (O que é fundar?)*, ministrado no Liceu Louis Henri IV em 1956-1957, recentemente publicado no site www.webdeleuze.com e que foi objeto de um válido comentário filosófico (KERSLAKE, 2009). Esse texto mostra Deleuze confrontando-se com Heidegger acerca do problema da fundação.

2.2.3 O terceiro grupo de textos é constituído pelos cursos que Deleuze professou na Sorbonne enquanto assistente de história da filosofia (1957-1960). Tratam-se de apostilas de cinco cursos universitários (cursos monográficos ou de preparação ao concurso para professor) sobre Rousseau, Hume, Kant, Bergson, Leibniz. Na maioria dos casos (fora o curso sobre Leibniz) já conhecidos, mas nunca publicados (salvo o curso sobre Bergson), esses textos estão todos conservados na biblioteca da Escola normal de Lyon. A esses textos, é preciso acrescentar, como complemento no mesmo grupo, as notas manuscritas de um curso de Deleuze sobre a *Genealogia da moral* de Nietzsche (que ainda devem ser digitadas), assim como uma série de outros textos digitados, completamente desconhecidos, publicados em revistas de estudantes: uma lição sobre Spinoza e a escolástica, quatro lições sobre Hume e Kant. Esses materiais permitem fornecer um complemento às monografias sobre os filósofos e mostrar a que ponto os livros sobre os filósofos estavam em relação com uma prática de ensino submetida às pressões acadêmicas e mundanas e não eram simplesmente o lugar de desenvolvimento da “filosofia de Deleuze”.

2.2.4 Uma quarta série é constituída por rascunhos das teses sobre *Spinoza e o problema da expressão* e *Diferença e repetição*, que Deleuze enviou em 1959, em 1962 e em 1964 a Jean Hyppolite, seu relator no CNRS. Longe de constituir uma chave de acesso às duas teses, eles abrem ao pesquisador uma nova perspectiva sobre o trabalho de escritura, expondo a cronologia de composição dos livros.

2.2.5 Uma quinta série é a longa correspondência (1947-1971) entre Deleuze e Alquié, conservada no arquivo dedicado ao filósofo languedociano em Carcassonne. Essas cartas – e um rascunho de ensaio sobre o tempo e o transcendental, provavelmente datando de 1947-1948 – de Deleuze a Alquié testemunham as dívidas, tanto institucionais, de amizade e filosóficas do aluno para com o mestre.

2.2.6 Uma sexta série de textos é constituída por quatro relatórios escritos por Deleuze em 1955-1956 e em 1960 para revistas literárias e filosóficas (*Revue philosophique*, *Etudes philosophiques*, *Cahiers du Sud*). Esses relatórios são desconhecidos ou foram ignorados pela crítica. Eles dão algumas pistas no que concerne à paternidade de alguns conceitos de Deleuze.

3.3 Objetivo geral

O objetivo é aquele de levar em consideração o nascimento, a interiorização e o desenvolvimento das disposições teóricas de Deleuze, a partir de seus meios

intelectuais, da situação do campo e do espaço das possibilidades à sua disposição e de seu capital simbólico familiar. Cada artigo e cada livro, bem como as reações aos trabalhos de colegas (em cartas ou resenhas), serão tomados não como uma etapa em um percurso teórico já delineado e sim a partir de seu campo de inscrição e das intenções perseguidas pelo ator em questão. A produção de conceitos será interpretada e analisada a partir de textos publicados e inéditos, adotando uma abordagem, a um só tempo, internalista e extenalista.

3. DESAFIOS CIENTÍFICOS E MÉTODOS

3.1 Postulados de método

Nesta pesquisa, tomo como ponto de partida três postulados metodológicos em aparente contradição com a metafilosofia deleuziana ou, pelo menos, com a leitura que dela foi feita por alguns de seus intérpretes.

3.1.1 O primeiro postulado consiste na separação do objeto e do método. É impossível aplicar a um texto esquemas de análise tirados do texto analisado sem ficarmos cegos. Como corolário, é preciso acrescentar que as explicações de um autor acerca de seu trabalho, sendo tantas tomadas de posições estratégicas da parte do autor em um campo polarizado em um dado momento, devem ser analisadas com prudência. Para fazer uma comparação tirada da psicanálise, procurar nas declarações de um autor a explicação de sua própria trajetória seria como fiar-se na significação manifesta dos sonhos de um paciente a fim de compreender suas neuroses.

3.1.2 O segundo postulado consiste na refutação metodológica de toda concepção excepcionalista. Obstáculo epistemológico considerável para o exercício da própria filosofia, ela deve, portanto, ser posta fora de jogo e explicada historicamente. A filosofia – que não é somente criação de conceitos, mas deve também ser considerada em suas dimensões de prática discursiva e social, de instituição (FABIANI, 2011) e de bem cultural e comercial (GODECHOT, 1999; PINTO, 2009) – não tem privilégio em relação aos outros discursos, ela pode e deve, portanto, ser o objeto de estudos que tiram proveito dos recursos de ciências humanas e sociais.

3.1.3 O terceiro postulado observa a cronologia e a relação entre teoria e práxis. Longe de ser uma questão *teórica* da velhice, “o que é a filosofia?” é primeiramente uma questão prática da juventude, que se relaciona com o início da trajetória intelectual de um autor, com o momento em que – como muitos estudos inspirados

por Pierre Bourdieu mostraram – as disposições intelectuais arraigam-se de maneira mais permanente.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Partirei, primeiramente, da tensão estabelecida por Louis Pinto sob a inspiração dos trabalhos pioneiros de Pierre Bourdieu entre “polo criador” e “polo científico” (BOURDIEU, 1988, 2003) ou entre “vanguardismo profético” e “academismo ortodoxo” (PINTO, 1987) no seio do campo filosófico francês. Essa tensão é resultado histórico da interação entre campo filosófico, por um lado, e campo artístico e campo científico no início do século, por outro, e está ligada à expansão escolar e, por conseguinte, à perspectiva das carreiras. A partir de seu capital familiar e, em seguida, escolar, após os cinco anos de formação passados na Sorbonne, Deleuze encontra-se, por um lado, dividido entre o modelo “artístico e criador”, representado sobretudo por Sartre, mas também pelos heideggerianos, Bataille, Klossowski e os autores próximos do jornal *critique* e do editora *Minuit* e entre o modelo “acadêmico e científico”, representado por Gueroult e Bachelard e, mais tarde, pelos “estruturalistas” pelas editoras Puf e Seuil; por outro lado, no interior do subcampo da história da filosofia, ele está dividido entre os dois tipos opostos de leituras dos textos filosóficos: a proposta por Martial Gueroult (posição extrema no seio do polo científico) e Ferdinand Alquié (posição extrema do polo criador). As disposições intelectuais (*habiti*) de Deleuze, algumas de suas posições teóricas, suas escolhas de publicação, assim como sua concepção da atividade do filósofo e do historiador da filosofia (concomitantemente acadêmico e criador ou “sistemático” e “pervertedor”), serão explicadas a partir dessas coordenadas.

3.2.2 Em segundo lugar, tratar-se-á de inscrever a trajetória de Deleuze no âmbito das mudanças gerais do campo filosófico em sua relação com o campo político (clivagem entre comunistas e atlantistas), com o campo artístico e literário (romance “existencialista” durante os anos 1940, *nouveau roman* e *nouvelle critique* durante os anos 1950, *Tel quel* durante os anos 1960, etc.) e na sua relação com o campo científico, notadamente com os campos das ciências sociais e humanas (psicanálise durante os anos 1940, 50 e 60, linguística estrutural e antropologia no início dos anos 1960, lógica e epistemologia - notadamente ao redor dos *Cahiers pour l'analyse* a partir de 1966). Essas relações afetam a maneira pela qual Deleuze, com base em um

arcabouço filosófico, faz intervir elementos tirados da literatura (surrealismo, *nouveau roman*, romance serial, etc.) e das ciências (topologia, biologia, matemática, etc).

3.2.3 Um terceiro nível é constituído pela análise dos programas escolares, notadamente aquele do concurso para professores (*agrégation*). Como foi recentemente mostrado (POUCET, 1999; SCHRIFT, 2008), não somente a formação dos alunos filósofos é profundamente marcada pelos autores no programa, mas uma parte das transformações da filosofia francesa e as modas intelectuais que dela derivam dependem do sucesso de alguns autores legitimados por meio dos programas. É o caso de Deleuze, que dedica seus primeiros livros e ensaios a autores que tinha estudado na ocasião do concurso para professores (Kant, Hume, Rousseau, Bergson) e que ensinará na Sorbonne pelas mesmas exigências; é ainda mais verdadeiro acerca de seu livro sobre Nietzsche, que o consagrará enquanto autor e historiador da filosofia em 1961. Deleuze dedica um curso a Nietzsche em 1958, no momento em que esse autor está pela primeira vez no programa (onde ficará durante dois anos).

3.2.4 Um quarto nível está ligado ao estudo das controvérsias filosóficas (FABIANI, 1997; PROCHASSON; RASMUSSEN, 2007) seguindo as indicações de Bruno Latour e dos “sciences studies” (LATOURE, 1993). As leituras sistemáticas dos textos filosóficos partem da hipótese de que os sistemas filosóficos desenvolvem-se em um espaço vazio, em que o autor desenvolve seus conceitos a partir de algumas obsessões ou projetos intelectuais (formulação de um conceito não-dialético de diferença, tentativa de pensar “diferentemente”, desconstrução, etc.). Elas limitam-se àquela que poderíamos chamar de “significação manifesta” de um texto. Apesar da declaração de Deleuze de que na filosofia “prescinde-se do diálogo”, em todos os textos, mesmo nos textos mais téticos ou mais puramente históricos, reencontramos os ecos de controvérsias, ainda que não sejam mencionadas. No caso de Deleuze, tratar-se-á de restituir, enquanto subtexto, o engajamento implícito do autor em uma controvérsia ou sua tentativa de colocar-se no seio de uma controvérsia pré-existente. Tratar-se-á de determinar, filosoficamente, o alcance dessas controvérsias. Exemplos são constituídos pelos afrontamentos entre Sartre e Bataille (sobre o estatuto do pecado e da interioridade, durante a Ocupação), entre Alquié e Jean Laporte (acerca da interpretação de Descartes), entre Sartre e os personalistas (acerca do existencialismo, no fim dos anos 1940), entre Hyppolite e Kojève (acerca da antropologização da negatividade e a interpretação de Hegel, no início dos anos

1950), entre Alquié e Gueroult (acerca da história da filosofia, durante os anos 1950), entre Sartre e Lévi-Strauss (sobre análise e dialética), entre Sartre e Althusser (sobre o jovem Marx), entre Sartre e Jean Laplanche e Serge Leclaire (acerca do estatuto do inconsciente).

3.2.5 O antepenúltimo nível consiste em um estudo que poderíamos definir como uma contextualização dos conceitos de Deleuze em um mais vasto *paradigma* filosófico (KUNN, 2012). Esse paradigma, longe de representar uma idealidade abstrata, é o produto material da interação entre as controvérsias. Ele é analisável geneticamente a partir da “simetrização” das controvérsias (LATOUR, 1993) e mediante uma análise prosopográfica que aproveita as pesquisas inspiradas pelo conceito de geração (MANNHEIM, 1964). Tratar-se-á de inscrever a “filosofia” de Deleuze no âmbito de uma série de problemas tendo, para parafrasear Wittgenstein, uma “semelhança de família” (por exemplo, a relação entre lógica e história, o estatuto da dialética e da diferença, aporias da fenomenologia, etc.). Esses problemas, comuns a uma geração (nesse caso, trata-se de Derrida, Foucault, Althusser, mas também de autores menos conhecidos como Michel Tournier ou Gilles Chatelet), revelar-se-ão pertencentes a um mesmo paradigma, ou “momento filosófico” para dizê-lo com a expressão proposta recentemente por Frédéric Worms (WORMS 2009).

3.2.6 O último nível trata da leitura interna da gênese do sistema. Por leitura interna da gênese, entendemos a maneira pela qual a “ordem das razões” se mantém e se constrói no tempo no respeito das normas lógicas e estilísticas do gênero filosófico. A esse respeito, a cronologia e o exame dos inéditos é fundamental. Mas um aspecto inesquecível será também constituído pelas condições materiais de escritura e a maneira de composição dos ensaios e dos livros (cf. como exemplos, ARTIERES; BERT, 2011). As abordagens irrefletidas ou reducionistas que se baseiam na simples “função-autor” ou no conceito de *habitus* serão problematizadas notadamente por meio do conceito de *intellectual self-concept*, recentemente proposto por Neil Gross (GROSS, 2009).

A abordagem que adotarei é, portanto, ao mesmo tempo “internalista” e “externalista” e se inspira nos recentes trabalhos da nova sociologia das ideias (cf. CAMIC, GROSS, LAMONT 2011). Considerarei a maneira pela qual as “razões” mantêm-se nos livros, mas também a maneira pela qual essas razões são tantas repostas a problemas que emergem em um campo filosófico estruturado e polarizado, povoado por atores concretos e por sociabilidades intelectuais.

4. PLANO GERAL E CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

Durante o primeiro ano, concentrar-me-ei em dois pontos específicos: por um lado, a inscrição dos primeiros trabalhos (publicados e inéditos) de Deleuze durante os anos cinquenta e os anos sessenta em seu contexto de produção, por outro lado, um aperfeiçoamento dos instrumentos metodológicos que planejo empregar ao longo da pesquisa. Tratar-se-á de compreender o estado do campo filosófico antes e no momento da emergência do fenômeno estruturalista: por meio de um estudo histórico prosopográfico, planejo reconstruir o estado dos possíveis no qual o jovem Deleuze estava articulando sua posição teórica (entre polo criador e polo acadêmico, entre fenomenologia e história da filosofia). O estudo da posição da história da filosofia enquanto disciplina universitária e gênero literário durante os anos cinquenta e, mais em geral, durante a primeira parte do século XX na França, dará a ocasião para melhor definir as estratégias “excepcionalistas” na filosofia e aperfeiçoar o tipo de leitura no cruzamento entre história da filosofia e ciências sociais que tenho a intenção de aplicar à filosofia de Deleuze.

Durante o segundo ano, tratar-se-á de tirar as consequências teóricas concentrando-se concomitantemente na coerência das posições expressas na tese principal de Deleuze (*Diferença e repetição*) e em *Lógica do sentido*. O segundo semestre do segundo ano será dedicado à escrita de um artigo sobre a gênese da primeira obra a partir do rascunho e à redação do livro.

4. ATIVIDADES DE PESQUISA

1. Análise das cartas e manuscritos deleuzeanos dos anos cinquenta.
2. Reconstrução do campo filosófico e do espaço de possibilidades durante os anos 1950.
3. Análise das relações de Deleuze com Sartre e a fenomenologia.
4. Investigação da relação entre Deleuze e as ciências humanas.
5. Estudo das leituras heideggerianas de Deleuze.
6. A psicanálise e o campo literário (do surrealismo à *Tel Quel*).

7. Reconstrução da relação de Deleuze com a história da filosofia e a epistemologia.
8. Redação de um artigo sobre Deleuze e história da filosofia.
9. Redação da monografia (livro).

	2014							2015							2016									
	ju	u	g	e	u	o	e	a	e	a	b	a	u	u	g	e	u	o	e	a	e			u
	■	■	■																					
				■	■	■	■	■																
								■	■	■														
											■	■	■											
														■	■	■								
																■	■							
																	■	■						
																		■	■	■	■	■	■	■

5. DISSEMINAÇÃO E AVALIAÇÃO

5.1 Disseminação

1. A interlocução com Prof. Vladimir Pinhero Safatle Jr. e com o Grupo Latefisp, bem como com contatos internacionais já estabelecidos (com Inglaterra e, sobretudo, França) permitira um contexto de diálogo que servirá de difusão da pesquisa.

2. Apresentação dos resultados da primeira etapa da pesquisa na *Eighth International Deleuze Studies Conference* (2015) e organização de um congresso internacional sobre Deleuze em 2015, no aniversário de vinte anos de sua morte.

3. Publicação de uma monografia.

4. Por último, a publicação, em formato científico de certos documentos inéditos.

5.2 Avaliação

Estimamos que para avaliar os resultados da nossa pesquisa será preciso identificar nos artigos a demonstração das hipóteses do projeto e a consecução dos desafios contidos em cada objetivo de pesquisa.

6. BIBLIOGRAFIA

- ANHEIM, Etienne. LILTI, Antoine. VAN DAMME, Stéphane (dir.). *Histoire et philosophie. Annales. Histoire et sciences sociales*, n. 1, 2009.
- ARTIERES, Philippe. BERT, Jean-François. *Un succès philosophique : l'Histoire de la folie à l'âge classique de Michel Foucault*. Paris : PUC/IMEC, 2011.
- BARING, Edward. *The Young Derrida and French Philosophy, 1945-1968*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- BOSCHETTI, Anna (dir.), *L'espace culturel transnational*. Paris : Nouveau Monde Editions, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *L'ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Seuil, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. "L'illusion biographique", in *Raisons pratiques, Sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées". In *Actes de la recherche en sciences sociales*, t. 145, 2002, pp. 3-8.
- BOURDIEU, Pierre. *Méditations cartésiennes*. Paris: Seuil, 2003.
- CAMIC, Charles. GROSS, Neil. LAMONT, Michèle. *Social Knowledge in the Making*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- COSSUTTA, Frédéric. DELORMAS, Pierre. MAINGUENEAU, Dominique. *La vie à l'œuvre. Le biographique dans le discours philosophique*. Paris : Lambert-Lucas, 2013.
- CUSSET, François. *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze, & Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux Etats-Unis*. Paris : La Découverte, 2003.
- DELEUZE, Gilles. "Description de la femme: Pour une philosophie d'Autrui sexuée". In: *Poésie 45*, n. 28, 1945, pp. 28-39.
- DELEUZE, Gilles. "Dires et profils". In: *Poésie 47*, n. 36, 1948, pp. 68-78.
- DELEUZE, Gilles. "Du Christ à la bourgeoisie". In: *Espace*, n. 1, 1946, pp. 93-106.
- DELEUZE, Gilles. "Mathèse, Science et Philosophie". In: Jean Malfatti de Montereaggio, *La Mathèse ou anarchie et hiérarchie de la science*. Paris: Griffon d'or, 1946, pp. ix-xxiv.
- DELEUZE, Gilles. "Introduction". In: Denis Diderot, *La religieuse*. Paris: Marcel Daubin, 1947, pp. vii-xx.
- DELEUZE, Gilles. *Empirisme et subjectivité*, Paris, Puf, 1953, pp. 119-120.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris: Minuit, 1993.
- DELEUZE, Gilles. "L'immanence: une vie...". *Philosophie*, n. 47, 1995, pp. 3-7.
- DELEUZE, Gilles. *Ile déserte et autres textes*, Paris, Minuit, 2004a.
- DELEUZE, Gilles. *Abécédaire*. Paris : Editions Montparnasse, 2004b.
- DELEUZE, Gilles. "Cours sur le chapitre III de *L'évolution créatrice* de Bergson", in F. Worms (éd.) *Annales bergsoniennes*, II, Paris, Puf, 2006.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze et Félix Guattari: Biographie croisée*. Paris : La Découverte, 2007.

- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris : Puf, 1999.
- FABIANI, Jean-Louis. *Les philosophes de la République*. Paris: Minuit, 1988.
- FABIANI, Jean-Louis. *Qu'est-ce qu'un philosophe français?* Paris: Presses de l'EHESS, 2011.
- FOUCAULT, Michel. "Qu'est-ce qu'un auteur ?", in Id., *Dits et Écrits*, Paris : Gallimard, 1994.
- GODECHOT, Olivier. "Le marché du livre philosophique". In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 130, 1999, pp. 11-28.
- GROSS, Neil. *Richard Rorty: The Making of an American Philosopher*. Chicago: Chicago University Press, 2009.
- GUATTARI, Félix. *Écrits pour l'anti-Œdipe*. Paris: Lignes, 2012.
- GUEROULT, Martial. *Descartes selon l'ordre des raisons*. Paris: Albin-Michel, 1956.
- JACOB, Christian. *Lieux du savoir 2. Les mains de l'intellect*. Paris: Albin Michel, 2011.
- KERSLAKE, Christian. *Immanence and the Vertigo of Philosophy: From Kant to Deleuze*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2009.
- LAMONT, Michèle. "How to Become a Dominant French Philosopher: The Case of Jacques Derrida". *The American Journal of Sociology*, v. 93, n. 3, 1987.
- LATOURET, Bruno. *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*. Paris: La Découverte, 1993.
- MANNHEIM, Karl. *Das Problem der Generation*. In: Karl Mannheim: *Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk* Neuwied: Luchterhand, 1964.
- MORENO PESTANA, José-Luis. *En devenant Foucault, sociogenèse d'un grand philosophe*. Paris : Editions du Croquant, 2006.
- PINTO, Louis. *Les philosophes entre le lycée et l'avant-garde. Les métamorphoses de la philosophie dans la France d'aujourd'hui*. Paris, L'Harmattan, 1987.
- PINTO, Louis. *Les Neveux de Zarathoustra. La réception de Nietzsche en France*. Paris, Minuit : 1995.
- PINTO, Louis (dir.). *Le commerce des idées philosophiques*. Paris: Craquant, 2009.
- POUCET, Bruno. *Enseigner la philosophie. Histoire d'une discipline scolaire 1860-1990*. Paris: CNRS Éditions, 1999
- PROCHASSON, Christophe. RASMUSSEN, Anne. *Comment on se dispute. Les formes de la controverse. Mille neuf-cent*, n. 25, 2007.
- SCHLANGER, Judith. *Penser la bouche pleine*. Paris : Flammarion, 1983.
- SCHRIFT, Alan. "The effects of the agrégation de philosophie on twentieth-century French philosophy". In: *Journal of the History of Philosophy*, v. 46, n. 3, 2008, pp. 449-473. SOULIE, Charles (dir.). *Un mythe à détruire ? Origines et destin du Centre universitaire expérimental de Vincennes*. Paris: PUV, 2013.
- WORMS, Frédéric. *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Seuil, 2009.

FAPESP

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Programa Pós-doutorado

Título do projeto

Gênese de um criador de conceitos. Gilles Deleuze : 1945-1969

Pesquisador responsável

Vladimir Pinhero Safatle

Candidato à bolsa

Giuseppe Bianco

Instituição sede

USP - Campus São Paulo

Resumo

Esse projeto se propõe a reconstruir a gênese da filosofia de Gilles Deleuze desde 1945 – momento em que o autor, jovem estudante da Sorbonne, compôs cinco ensaios pouco conhecidos – até o final dos anos 1960, quando ele defendeu suas duas teses de doutorado : *Diferença e repetição* e *Espinosa e o problema da expressão*; assim como publicou o livro *Lógica do sentido*. Tais trabalhos constituem o ponto de encerramento do pensamento de Deleuze – construído sobre a confrontação com a fenomenologia, epistemologia, antropologia e psicanálise – antes do encontro com Félix Guattari. A partir de uma série de escritos pouco conhecidos (artigos, transcrições de curso) e numerosos documentos absolutamente inéditos (cursos, rascunhos de obras, cartas, anotações), esse projeto se propõe à uma análise que vai na contracorrente de interpretações usuais da filosofia de Deleuze, tais quais abordagens “instrumentais”, que simplesmente se servem de conceitos filosóficos e de abordagens “sistêmicas”, que tendem a apenas apreender a coerência estrutural da filosofia de Deleuze. O presente projeto se propõe, desse modo, a aplicar aos textos deleuzeanos uma abordagem “contextualizante”, que faz proveito dos métodos das ciências históricas e sociológicas e que, ao mesmo tempo, respeita seu conteúdo “filosófico”. Opondo-se a ideia, tão difundida, de uma irreduzibilidade das criações filosóficas à simples explicações psicossociais, esse trabalho visa compreender o escopo dos conceitos implementados por Deleuze a partir de seu contexto de emergência, contexto social e epistemológico. O objetivo geral é a redação de uma monografia capaz de fornecer uma chave de compreensão completamente inédita à primeira parte do itinerário teórico de Deleuze (1945-1969).

Palavras-chave

Gilles Deleuze, história, filosofia francesa, sociologia, dialética, inconsciente, literatura.

FAPESP

São Paulo Research Foundation Post-Doctorate Fellowship Program

Title of the project

Genesis of a Creator of Concepts: Gilles Deleuze, 1945-1969

Supervisor

Vladimir Pinhero Safatle

Candidate

Giuseppe Bianco

Research Institution

USP - Campus São Paulo

Abstract

This project aims at reconstructing the genesis of Gilles Deleuze's philosophy since 1945 – year in which the author, young student, writes five unacknowledged essays – and the end of the Sixties – when he defends his two PhD dissertations (*Difference and repetition* and *Expressionism in philosophy. Spinoza*) and he publishes the book *Logics of sense*. Those works constitute a coherent sequence in the development of Deleuze's philosophy before the encounter avec Felix Guattari, a sequence which is the result of a confrontation with phenomenology, epistemology, anthropology and psychoanalysis.

Starting from the analysis of unacknowledged writings (articles, transcription of conferences) and from hundreds of pages of completely unpublished materials (courses, reviews, letters, notes), this project aims at going against the tide, opposing to two usual interpretations of Deleuze: the "pragmatic" ones – which simply use his concepts – and the "systematically" ones – which aim at seizing the supposed internal coherence of his philosophy.

The project applies to Deleuze's texts a "contextualizing" approach, which consists in using methods taken from social and historical sciences but which aims, at the same time, at preserving the "philosophical" content of those texts. Going against the idea of an irreducibility of philosophical creations to social and psychological determinations, this study try to explain deleuzian concepts starting from their context of emergence, a context that is, at once, social an epistemological. The general objective is to write a monograph able to give an altogether innovative interpretation of the first part of Deleuze's theoretical trajectory.

Keywords

Gilles Deleuze, History, French Philosophy, Sociology, Dialectics, Unconscious, Litterature.

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA.....	4
1.1 "INSTRUMENTAIS" E "SISTEMICOS"	4
1.2 O RECALQUE DA HISTORIA	6
1.3 HIPOTESE	8
2. RESULTADOS ESPERADOS	8
2.1 SOCIOANALISE.....	8
2.2 ANALISE DE NOVOS DOCUMENTOS	10
2.3 OBJETIVO GERAL.....	11
3. DESAFIOS CIENTIFICOS E METODOS.....	12
3.1 POSTULADOS DE METODO.....	12
3.2 INSTRUMENTOS.....	13
4. PLANO GERAL E CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES	16
5. DISSEMINAÇÃO E AVALIAÇÃO.....	17
5.1 DISSEMINAÇÃO	17
5.2 AVALIAÇÃO.....	17
6. BIBLIOGRAFIA	18

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA

1.1 “Instrumentais” e “sistemicos”

Apesar da passagem das modas intelectuais, durante os vinte anos que seguiram a morte de Gilles Deleuze (1925-1995), a literatura secundária sobre o filósofo francês não parou de crescer de maneira exponencial; a tal ponto que hoje é quase impossível manter-se atualizado sobre seu desenvolvimento. Sem esquecer a importância de uma análise das modalidades desse sucesso – objetos dos estudos relativos a transferências culturais (ESPAGNE, 1999), da sociologia da circulação transnacional dos bens simbólicos (PINTO, 1995; BOURDIEU, 2002; BOSCHETTI, 2010) e da história da recepção (CUSSET, 2003) –, essa grande massa de escritos pode, no fim das contas, ser classificada em duas categorias.

A primeira, para retomar a célebre expressão foucaultiana, é a que considera os textos como “caixas de ferramentas”. Trata-se de escritos que, com a força das declarações emitidas por Deleuze durante os anos 1970-1980 e de suas sugestões de trabalho, utilizam de maneira descomplexa os conceitos tirados de suas obras ou os prolongam a fim de explicar objetos e campos de estudo que o filósofo havia abordado de maneira mais ou menos periférica ou que não havia tematizado explicitamente: teoria política, etnologia, epistemologia, teoria das novas tecnologias, estudos de gênero, ecologia, filosofia do direito, crítica literária e musical e assim por diante. Esses escritos – que, às vezes, consistem em estudos fecundos, mas que, mais amiúde, são somente simples exercícios de estilo à maneira dos “Studies” estadunidenses – não requerem uma análise da história dos conceitos que eles utilizam enquanto instrumentos de trabalho.

A segunda categoria é a das leituras feitas a partir de uma abordagem que se reclama, ao contrário, inteiramente filosófica. Trata-se de reconstruções do conjunto do “sistema” deleuziano, às vezes guiadas por um tema considerado como dominante: o evento, a multiplicidade, o transcendental, a ontologia, etc. Essas reconstruções, cujo valor filosófico é em certos casos incontestável, vão à procura de uma “ordem das razões” (GUEROULT, 1956) que subjazem à totalidade dos textos escritos por Deleuze; elas adotam, na melhor das hipóteses, uma abordagem francamente sincrônica ou manifestam esquemas diacrônicos simples, tanto no plano qualitativo – utilização de escalas irrefletidas – quanto no plano quantitativo – simples enumeração cronológica das datas de publicação dos livros e dos artigos de alguns

outros contemporâneos. O esquema é ora sincrônico, ora teleológico e pré-formacional.

Diríamos que as primeiras leituras tiram dos textos um *método* ou instrumentos conceituais e que as segundas os analisam enquanto *objeto*. Contudo, encontramos raramente um dos dois gêneros em estado puro; mais amiúde, trata-se de uma emulsão em doses variáveis de método e de objeto, o que dá lugar a este tipo de literatura que chamamos correntemente, adotando uma expressão utilizada tradicionalmente em história da arte, “du Deleuze”. Apesar de suas diferenças, dois traços são comuns a uma boa parte dessa literatura secundária. O primeiro é seu caráter secreta ou abertamente partidário: defendem-se os conceitos de Deleuze das possíveis críticas ou dessacralizações, ressalta-se seu caráter excepcional, toma-se-lhe emprestado o método de exegese e, às vezes, mesmo o estilo. O segundo traço consiste em uma abordagem essencialmente internalista: trata-se de abstrair os textos de seu contexto de emergência e de pôr em cena o autor – cuja boa vontade e consciência prévia das grandes linhas de seu futuro projeto filosófico dão-se por certas – em sua interação, puramente conceitual, com os outros autores da história da filosofia. Apesar das boas intenções dos pesquisadores, que manifestam frequentemente uma certa desconfiança em relação às práticas tradicionais do comentário acadêmico, essas operações permanecem mais amiúde consubstanciais com o gênero da história *filosófica* da filosofia. Esse tipo de narrativa parece-se, para dizê-lo com as palavras sarcásticas da epistemóloga e filósofa Judith Schlanger, com um “passeio pedagógico de Beatriz através dos círculos do Paraíso”, com “uma ata de uma interminável sessão da sociedade dos espíritos” (SCHLANGER, 1983, p. 31). Componente essencial de um dispositivo que, desde a emergência e a autonomização do campo filosófico durante o século XIX, deve assegurar e preservar as “fronteiras epistemológicas” (FABIANI, 1988) da disciplina, esse tipo de história da filosofia foi implicitamente praticado ou abertamente defendido pelos filósofos. Os efeitos buscados são quase sempre os mesmos: a autolegitimação do “especialista”, que se opera por meio de um julgamento normativo feito sobre o autor estudado, a emergência de uma barreira contra toda possível explicação não-filosófica dos textos – tachada de superficial, reducionista ou, pelo menos, limitada –, a garantia da superioridade da leitura filosófica dos textos analisados. Esse tipo de narrativa, discurso nativo, visa, portanto, a justificar um certo número de práticas intelectuais surgidas em um momento preciso do desenvolvimento da filosofia enquanto

disciplina e constitui um obstáculo epistemológico que deveria, por conseguinte, ser o objeto de uma análise.

1.2 O recalque da história

O caso de uma grande parte da literatura secundária sobre Deleuze – sob esse aspecto análoga àquela sobre alguns dos filósofos de sua geração, como Derrida ou, em menor medida, Lyotard e Foucault, que, desde os anos oitenta foram colocados sob os vagos rótulos do pós-estruturalismo ou da filosofia da diferença – é, contudo, singular na história das monografias sobre filósofos. Essa singularidade é o resultado do efeito encantatório provocado pelo estilo e a maneira de agir dos escritos de Deleuze em uma boa parte de seus leitores. Esse encantamento bloqueou toda tentativa de objetivação, legitimando, em revanche, um discurso ritual. Por sua vez, abriu o caminho para as reações acríicas dos comentadores diante das declarações de Deleuze em relação ao caráter anômalo de sua própria trajetória intelectual: anômala em relação à sua geração, em relação à história da filosofia francesa do século XX ou mesmo em relação à história da filosofia. Nos raros textos em que se exprime sobre sua trajetória intelectual, Deleuze apresenta-se como um filósofo “clássico” por causa de sua inabitual abordagem metafísica (portanto, anti-heideggeriana, antimarxista e antifenomenológica), como um historiador da filosofia “pervertedor”, privilegiando ou pertencendo a uma linhagem “menor” de filósofos, como um pensador “vitalista”, como um “construtor de máquinas”, como um “filósofo pop”, enfim, como um “criador de conceitos”. A falta de recuo em relação a tais declarações é o sinal de uma falta de sentido histórico dos leitores de Deleuze, que, por sua vez, apropriaram-se das posições do filósofo acerca da história. Por razões contingentes como uma boa parte de sua geração, a partir dos anos 1960, Deleuze mostrou uma forte hostilidade em relação ao conceito de dialética, dominante durante os anos 1940 e 1950. Essa hostilidade acompanhava sua desconfiança em relação à categoria de sujeito e a toda concepção “continuista” ou “teleológica” do tempo filosófico. Não somente Deleuze considera a história hegeliana da filosofia como uma montagem monstruosa, mas trata também a história da filosofia, enquanto disciplina acadêmica, como uma horrível máquina ligada ao Estado, como uma “escola de repressão que desensina a pensar”. A essa condenação segue-se aquela, aliás, comum a seus contemporâneos Michel Foucault (FOUCAULT, 1994) e Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1994), da função-autor e do gênero biográfico. A consequência dessa atitude – salutar em todos

os aspectos, e que poderia ter levado Deleuze a aproximar-se dos sociólogos e historiadores a fim de criticar com base em instrumentos conceituais epistemologicamente controláveis o discurso filosófico sobre a história da filosofia e o discurso biográfico sobre os filósofos – levou-o, em revanche, a tomar posições contrárias às esperadas. O filósofo mostrou uma certa reticência diante da aplicação na filosofia dos esquemas de explicação tirados da história e das ciências sociais que, entretanto, ele conhecia muito bem e que tinha discutido em obras redigidas com Guattari. Segundo Deleuze, as ciências humanas e sociais – *qua* ciências reais (DELEUZE; GUATTARI, 1980) ou *qua* ciências simplesmente (DELEUZE; GUATTARI, 1993) – não seriam capazes de explicar – salvo com uma distorsão essencial – o *próprio* da filosofia.

Aliás, desde seus primeiros passos como filósofo (DELEUZE, 1953), Gilles Deleuze mostrou-se partidário de uma concepção da filosofia que denominarei “excepcionalista”. Trata-se de uma concepção ligada à história da filosofia entendida como “disciplina de coroamento” (FABIANI, 1988), que afirma a irredutibilidade absoluta da filosofia aos outros saberes e sua irredutibilidade relativa aos determinantes psicossociais. Ela reserva, então, sua intelecção unicamente aos filósofos, embora deixe espaço para a compreensão e/ou as utilizações selvagens dos “não-filósofos”. O caráter excepcionalista da teoria filosófica da produção filosófica de Deleuze chega a sua pureza em *O que é a filosofia?* (DELEUZE, 1993). Aqui, Deleuze e Guattari afirmam a irredutibilidade do discurso filosófico no meio do qual ela emerge e sua heterogeneidade em relação à “ciência” e à “opinião”. Ao contrário da ciência, a filosofia trataria dos eventos e não dos “estados das coisas”, manifestar-se-ia a partir de um “plano de imanência” e não de um “plano de referência”, teria como sujeito “personagens conceituais” e não “personagens psicossociais”, utilizaria “conceitos” e não “universais”. Deleuze e Guattari avançam enfim a ideia de que, para um filósofo, o problema da natureza da filosofia coloca-se tardiamente: trata-se de um problema “da velhice”, que se coloca de “maneira concreta” “quando não se tem nada mais que perguntar” (DELEUZE; GUATTARI 1993). Mas essa atenção para o “tempo de vida” é aparente, pois, como Deleuze esclarece em seu último escrito intitulado “A imanência: uma vida...” (DELEUZE, 1995), o que interessa à filosofia não é a vida biológica ou psicológica, mas a vida “impessoal” (ou inorgânica) que torna possível toda outra vida “individuada”.

Formulando tardiamente uma teorização filosófica da filosofia enquanto criação assubjetiva e infra-histórica de conceitos, assim como uma teoria da temporalidade

filosófica centrada no conceito de evento, acompanhando essa teoria com uma autoanálise com traços impressionistas (DELEUZE, 2004a), com uma prática de destruição ou de ocultação sistemática dos rascunhos de sua obra e com uma estrita proibição da publicação da correspondência, dos inéditos e dos escritos da juventude (DELEUZE, 2004b), Deleuze barrou – por bem ou por mal, consciente ou inconscientemente – todo estudo alternativo aos dois tipos de literatura secundária que acabo de mencionar mais acima (leitura “caixa de ferramentas” e leitura “sistêmica”). Essa barreira eleva-se contra uma reconstrução de seus textos a partir de documentos com base no modelo da crítica genética, contra uma análise etnográfica de seu trabalho intelectual (JACOB, 2011), contra a descrição sociológica de sua trajetória (LAMONT, 1988; PESTANA, 2006; GROSS, 2009), contra uma simples leitura da obra a partir da perspectiva da história intelectual (BARING, 2011) e, mais em geral, contra todo estudo inspirado pelas ciências sociais. A ausência de um arquivo sobre o filósofo – enquanto, em contrapartida, existe um arquivo Félix Guattari – é uma prova ulterior de uma clara estratégia autoral, perseguida fielmente pelos herdeiros e pelas editoras.

1.3 HIPÓTESE

A única maneira de apreender o escopo, o valor e a atualidade dos conceitos deleuzeanos é a oposição às resistências dos comentadores à contextualização, operacionalizando, assim, uma franca historização dos conceitos deleuzeanos, inserindo-os em seu âmbito de emergência: ao mesmo tempo, epistemológica e social. A proposta desse projeto diz respeito, portanto, à uma tentativa inédita que vai na contracorrente das interpretações habituais da filosofia de Deleuze.

2. RESULTADOS ESPERADOS

2.1 Socioanálise

Apesar dessas resistências, o caso Deleuze não é excepcional. Os conceitos deleuzianos desenvolvem-se a partir de discursos inscritos em textos; a circulação desses textos não é completamente controlável; todos os textos são marcados por uma temporalidade (*marginalia*, anotações, rascunhos, provas), por um caráter (cursos, livros, ensaios), portanto, por uma intenção estratégica (polêmica,

pedagógica), por um público de leitores ao qual são destinados (estudantes universitários, colegiais, colegas, grande público) e por um lugar de inscrição (jornal, revista, coleção, editora, etc); esses textos emergem de um certo contexto epistêmico (disponibilidade das traduções e dos materiais de trabalho, etc.) e de um espaço de possíveis determinado pela posição do autor no espaço social (capital econômico e simbólico familiar); esses textos inserem-se também em um campo disciplinar e social polarizado (estado do campo intelectual e da disciplina); em suma, os textos e sua composição são submetidos a todo tipo de pressão epistêmica, social e econômica.

Recentemente, a publicação de inéditos (GUATTARI, 2012; DELEUZE, 2006) ou a republicação em língua estrangeira de ensaios da juventude dos quais Deleuze não havia autorizado a reprodução e cujos herdeiros fizeram de tudo para dificultar o acesso, assim como a publicação da primeira biografia (DOSSE, 2007), pareceram, ao menos para alguns, ser o anúncio de uma possível mudança de direção. Contudo, por um lado, a publicação ou a republicação de novos textos foi acompanhada por leituras que os reinserem em um reconfortante *Bildungsroman*, por outro lado, apesar dos esforços feitos recentemente para tentar fornecer um quadro teórico capaz de relacionar fatos de vida e conceitos (COSSUTTA; DELORMAS; MARINGUENEAU, 2013), a única biografia disponível parece expor-se tanto às críticas dos filósofos – que censuram o autor por não ser capaz de entrar suficientemente nos textos – quanto às de historiadores e sociólogos (ANHEIM; LILTI; VAN DAMME, 2009) – que chamam a atenção para seu uso descomplexado de fontes e sua falta de ferramentas conceituais.

Esta pesquisa tenta fornecer alguns elementos, decerto provisórios e limitados, para preencher uma lacuna. Propõe um ângulo de abordagem metodológica relativamente novo em história da filosofia, acompanhado pela mobilização de arquivos até então desconhecidos. Propõe-se a desenvolver uma “socioanálise” da filosofia de Deleuze, a saber, um estudo da maneira pela qual os conceitos de Deleuze foram socialmente produzidos. Meu objetivo, assim, é o de analisar a trajetória de Deleuze durante os anos quarenta, cinquenta e sessenta, durante o período considerado como o mais “acadêmico” de seu itinerário, até a publicação de duas teses sobre *Diferença e repetição* (DELEUZE, 1968a) e *Spinoza e o problema da expressão* (DELEUZE, 1968b). Essa escansão temporal é justificada por uma série de mudanças importantes que advêm depois de 1968: mudança das modalidades da pesquisa e do ensino de Deleuze (que se desloca da universidade de Lyon para o centro experimental de Vincennes), mudança da configuração das relações entre

filosofia e política e entre filosofia e ciências sociais, mudança das modalidades de redação de Deleuze (marcada pelo trabalho a dois com Guattari). Em contrapartida, deixarei de lado a divisão estabelecida por Deleuze entre “livros em seu nome” e “livros sobre filósofos”, assim como suas leituras retrospectivas de seu trabalho.

Tomarei o nascimento, a interiorização e o desenvolvimento das disposições teóricas de Deleuze a partir das redes intelectuais, do estado do campo e do espaço dos possíveis a sua disposição a partir de seu capital simbólico familiar. Cada artigo e cada livro, assim como a reação aos livros (relatórios, cartas, etc.) será levado em consideração não como uma etapa em um percurso teórico já esboçado, mas a partir de seu campo de inscrição e das intenções perseguidas pelo ator em questão.

2.2 Análise de novos documentos

Durante minhas pesquisas nos arquivos franceses, ao longo dos seis últimos anos, pude reunir (transcrever ou fotografar) um grande número de textos inéditos ou desconhecidos de Deleuze. Mobilizarei esses documentos que compararei com as obras e ensaios publicados, utilizando a metodologia fornecida pela crítica genética e tentando evitar a armadilha constituída pelas leituras teleológicas.

2.2.1 Uma primeira série de textos é constituída pelos ensaios da juventude, escritos por Deleuze antes da publicação de seu primeiro livro de 1953 e antes do concurso para professor (*agrégation*) em 1948 (DELEUZE, 1945, 1946a, 1946b, 1947, 1948). Já conhecidos pela maioria dos “deleuzófilos”, embora nunca tenham sido objeto de uma análise, são textos de segunda mão escritos sob encomenda ou pastiches muito inspirados pela filosofia de Sartre. Inscritos em seu contexto de publicação (revistas, editoras, redes de sociabilidade), seus escritos ajudam, entretanto, a lançar luz sobre as primeiras obsessões conceituais de Deleuze - inspiradas notadamente por Sartre, pelo hegelianismo e por alguns clássicos da história da filosofia - e sobre as disposições interiorizadas durante os anos de formação.

2.2.2 O segundo texto consiste no longo curso sobre *Qu'est-ce que fonder? (O que é fundar?)*, ministrado no Liceu Louis Henri IV em 1956-1957, recentemente publicado no site www.webdeleuze.com e que foi objeto de um válido comentário filosófico (KERSLAKE, 2009). Esse texto mostra Deleuze confrontando-se com Heidegger acerca do problema da fundação.

2.2.3 O terceiro grupo de textos é constituído pelos cursos que Deleuze professou na Sorbonne enquanto assistente de história da filosofia (1957-1960). Tratam-se de apostilas de cinco cursos universitários (cursos monográficos ou de preparação ao concurso para professor) sobre Rousseau, Hume, Kant, Bergson, Leibniz. Na maioria dos casos (fora o curso sobre Leibniz) já conhecidos, mas nunca publicados (salvo o curso sobre Bergson), esses textos estão todos conservados na biblioteca da Escola normal de Lyon. A esses textos, é preciso acrescentar, como complemento no mesmo grupo, as notas manuscritas de um curso de Deleuze sobre a *Genealogia da moral* de Nietzsche (que ainda devem ser digitadas), assim como uma série de outros textos digitados, completamente desconhecidos, publicados em revistas de estudantes: uma lição sobre Spinoza e a escolástica, quatro lições sobre Hume e Kant. Esses materiais permitem fornecer um complemento às monografias sobre os filósofos e mostrar a que ponto os livros sobre os filósofos estavam em relação com uma prática de ensino submetida às pressões acadêmicas e mundanas e não eram simplesmente o lugar de desenvolvimento da “filosofia de Deleuze”.

2.2.4 Uma quarta série é constituída por rascunhos das teses sobre *Spinoza e o problema da expressão* e *Diferença e repetição*, que Deleuze enviou em 1959, em 1962 e em 1964 a Jean Hyppolite, seu relator no CNRS. Longe de constituir uma chave de acesso às duas teses, eles abrem ao pesquisador uma nova perspectiva sobre o trabalho de escritura, expondo a cronologia de composição dos livros.

2.2.5 Uma quinta série é a longa correspondência (1947-1971) entre Deleuze e Alquié, conservada no arquivo dedicado ao filósofo languedociano em Carcassonne. Essas cartas – e um rascunho de ensaio sobre o tempo e o transcendental, provavelmente datando de 1947-1948 – de Deleuze a Alquié testemunham as dívidas, tanto institucionais, de amizade e filosóficas do aluno para com o mestre.

2.2.6 Uma sexta série de textos é constituída por quatro relatórios escritos por Deleuze em 1955-1956 e em 1960 para revistas literárias e filosóficas (*Revue philosophique*, *Etudes philosophiques*, *Cahiers du Sud*). Esses relatórios são desconhecidos ou foram ignorados pela crítica. Eles dão algumas pistas no que concerne à paternidade de alguns conceitos de Deleuze.

3.3 Objetivo geral

O objetivo é aquele de levar em consideração o nascimento, a interiorização e o desenvolvimento das disposições teóricas de Deleuze, a partir de seus meios

intelectuais, da situação do campo e do espaço das possibilidades à sua disposição e de seu capital simbólico familiar. Cada artigo e cada livro, bem como as reações aos trabalhos de colegas (em cartas ou resenhas), serão tomados não como uma etapa em um percurso teórico já delineado e sim a partir de seu campo de inscrição e das intenções perseguidas pelo ator em questão. A produção de conceitos será interpretada e analisada a partir de textos publicados e inéditos, adotando uma abordagem, a um só tempo, internalista e extenalista.

3. DESAFIOS CIENTÍFICOS E MÉTODOS

3.1 Postulados de método

Nesta pesquisa, tomo como ponto de partida três postulados metodológicos em aparente contradição com a metafilosofia deleuziana ou, pelo menos, com a leitura que dela foi feita por alguns de seus intérpretes.

3.1.1 O primeiro postulado consiste na separação do objeto e do método. É impossível aplicar a um texto esquemas de análise tirados do texto analisado sem ficarmos cegos. Como corolário, é preciso acrescentar que as explicações de um autor acerca de seu trabalho, sendo tantas tomadas de posições estratégicas da parte do autor em um campo polarizado em um dado momento, devem ser analisadas com prudência. Para fazer uma comparação tirada da psicanálise, procurar nas declarações de um autor a explicação de sua própria trajetória seria como fiar-se na significação manifesta dos sonhos de um paciente a fim de compreender suas neuroses.

3.1.2 O segundo postulado consiste na refutação metodológica de toda concepção excepcionalista. Obstáculo epistemológico considerável para o exercício da própria filosofia, ela deve, portanto, ser posta fora de jogo e explicada historicamente. A filosofia – que não é somente criação de conceitos, mas deve também ser considerada em suas dimensões de prática discursiva e social, de instituição (FABIANI, 2011) e de bem cultural e comercial (GODECHOT, 1999; PINTO, 2009) – não tem privilégio em relação aos outros discursos, ela pode e deve, portanto, ser o objeto de estudos que tiram proveito dos recursos de ciências humanas e sociais.

3.1.3 O terceiro postulado observa a cronologia e a relação entre teoria e práxis. Longe de ser uma questão *teórica* da velhice, “o que é a filosofia?” é primeiramente uma questão prática da juventude, que se relaciona com o início da trajetória intelectual de um autor, com o momento em que – como muitos estudos inspirados

por Pierre Bourdieu mostraram – as disposições intelectuais arraigam-se de maneira mais permanente.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Partirei, primeiramente, da tensão estabelecida por Louis Pinto sob a inspiração dos trabalhos pioneiros de Pierre Bourdieu entre “polo criador” e “polo científico” (BOURDIEU, 1988, 2003) ou entre “vanguardismo profético” e “academismo ortodoxo” (PINTO, 1987) no seio do campo filosófico francês. Essa tensão é resultado histórico da interação entre campo filosófico, por um lado, e campo artístico e campo científico no início do século, por outro, e está ligada à expansão escolar e, por conseguinte, à perspectiva das carreiras. A partir de seu capital familiar e, em seguida, escolar, após os cinco anos de formação passados na Sorbonne, Deleuze encontra-se, por um lado, dividido entre o modelo “artístico e criador”, representado sobretudo por Sartre, mas também pelos heideggerianos, Bataille, Klossowski e os autores próximos do jornal *critique* e do editora *Minuit* e entre o modelo “acadêmico e científico”, representado por Gueroult e Bachelard e, mais tarde, pelos “estruturalistas” pelas editoras Puf e Seuil; por outro lado, no interior do subcampo da história da filosofia, ele está dividido entre os dois tipos opostos de leituras dos textos filosóficos: a proposta por Martial Gueroult (posição extrema no seio do polo científico) e Ferdinand Alquié (posição extrema do polo criador). As disposições intelectuais (*habiti*) de Deleuze, algumas de suas posições teóricas, suas escolhas de publicação, assim como sua concepção da atividade do filósofo e do historiador da filosofia (concomitantemente acadêmico e criador ou “sistemático” e “pervertedor”), serão explicadas a partir dessas coordenadas.

3.2.2 Em segundo lugar, tratar-se-á de inscrever a trajetória de Deleuze no âmbito das mudanças gerais do campo filosófico em sua relação com o campo político (clivagem entre comunistas e atlantistas), com o campo artístico e literário (romance “existencialista” durante os anos 1940, *nouveau roman* e *nouvelle critique* durante os anos 1950, *Tel quel* durante os anos 1960, etc.) e na sua relação com o campo científico, notadamente com os campos das ciências sociais e humanas (psicanálise durante os anos 1940, 50 e 60, linguística estrutural e antropologia no início dos anos 1960, lógica e epistemologia - notadamente ao redor dos *Cahiers pour l'analyse* a partir de 1966). Essas relações afetam a maneira pela qual Deleuze, com base em um

arcabouço filosófico, faz intervir elementos tirados da literatura (surrealismo, *nouveau roman*, romance serial, etc.) e das ciências (topologia, biologia, matemática, etc).

3.2.3 Um terceiro nível é constituído pela análise dos programas escolares, notadamente aquele do concurso para professores (*agrégation*). Como foi recentemente mostrado (POUCET, 1999; SCHRIFT, 2008), não somente a formação dos alunos filósofos é profundamente marcada pelos autores no programa, mas uma parte das transformações da filosofia francesa e as modas intelectuais que dela derivam dependem do sucesso de alguns autores legitimados por meio dos programas. É o caso de Deleuze, que dedica seus primeiros livros e ensaios a autores que tinha estudado na ocasião do concurso para professores (Kant, Hume, Rousseau, Bergson) e que ensinará na Sorbonne pelas mesmas exigências; é ainda mais verdadeiro acerca de seu livro sobre Nietzsche, que o consagrará enquanto autor e historiador da filosofia em 1961. Deleuze dedica um curso a Nietzsche em 1958, no momento em que esse autor está pela primeira vez no programa (onde ficará durante dois anos).

3.2.4 Um quarto nível está ligado ao estudo das controvérsias filosóficas (FABIANI, 1997; PROCHASSON; RASMUSSEN, 2007) seguindo as indicações de Bruno Latour e dos “sciences studies” (LATOURE, 1993). As leituras sistemáticas dos textos filosóficos partem da hipótese de que os sistemas filosóficos desenvolvem-se em um espaço vazio, em que o autor desenvolve seus conceitos a partir de algumas obsessões ou projetos intelectuais (formulação de um conceito não-dialético de diferença, tentativa de pensar “diferentemente”, desconstrução, etc.). Elas limitam-se àquela que poderíamos chamar de “significação manifesta” de um texto. Apesar da declaração de Deleuze de que na filosofia “prescinde-se do diálogo”, em todos os textos, mesmo nos textos mais téticos ou mais puramente históricos, reencontramos os ecos de controvérsias, ainda que não sejam mencionadas. No caso de Deleuze, tratar-se-á de restituir, enquanto subtexto, o engajamento implícito do autor em uma controvérsia ou sua tentativa de colocar-se no seio de uma controvérsia pré-existente. Tratar-se-á de determinar, filosoficamente, o alcance dessas controvérsias. Exemplos são constituídos pelos afrontamentos entre Sartre e Bataille (sobre o estatuto do pecado e da interioridade, durante a Ocupação), entre Alquié e Jean Laporte (acerca da interpretação de Descartes), entre Sartre e os personalistas (acerca do existencialismo, no fim dos anos 1940), entre Hyppolite e Kojève (acerca da antropologização da negatividade e a interpretação de Hegel, no início dos anos

1950), entre Alquié e Gueroult (acerca da história da filosofia, durante os anos 1950), entre Sartre e Lévi-Strauss (sobre análise e dialética), entre Sartre e Althusser (sobre o jovem Marx), entre Sartre e Jean Laplanche e Serge Leclaire (acerca do estatuto do inconsciente).

3.2.5 O antepenúltimo nível consiste em um estudo que poderíamos definir como uma contextualização dos conceitos de Deleuze em um mais vasto *paradigma* filosófico (KUNN, 2012). Esse paradigma, longe de representar uma idealidade abstrata, é o produto material da interação entre as controvérsias. Ele é analisável geneticamente a partir da “simetrização” das controvérsias (LATOUR, 1993) e mediante uma análise prosopográfica que aproveita as pesquisas inspiradas pelo conceito de geração (MANNHEIM, 1964). Tratar-se-á de inscrever a “filosofia” de Deleuze no âmbito de uma série de problemas tendo, para parafrasear Wittgenstein, uma “semelhança de família” (por exemplo, a relação entre lógica e história, o estatuto da dialética e da diferença, aporias da fenomenologia, etc.). Esses problemas, comuns a uma geração (nesse caso, trata-se de Derrida, Foucault, Althusser, mas também de autores menos conhecidos como Michel Tournier ou Gilles Chatelet), revelar-se-ão pertencentes a um mesmo paradigma, ou “momento filosófico” para dizê-lo com a expressão proposta recentemente por Frédéric Worms (WORMS 2009).

3.2.6 O último nível trata da leitura interna da gênese do sistema. Por leitura interna da gênese, entendemos a maneira pela qual a “ordem das razões” se mantém e se constrói no tempo no respeito das normas lógicas e estilísticas do gênero filosófico. A esse respeito, a cronologia e o exame dos inéditos é fundamental. Mas um aspecto inesquecível será também constituído pelas condições materiais de escritura e a maneira de composição dos ensaios e dos livros (cf. como exemplos, ARTIERES; BERT, 2011). As abordagens irrefletidas ou reducionistas que se baseiam na simples “função-autor” ou no conceito de *habitus* serão problematizadas notadamente por meio do conceito de *intellectual self-concept*, recentemente proposto por Neil Gross (GROSS, 2009).

A abordagem que adotarei é, portanto, ao mesmo tempo “internalista” e “externalista” e se inspira nos recentes trabalhos da nova sociologia das ideias (cf. CAMIC, GROSS, LAMONT 2011). Considerarei a maneira pela qual as “razões” mantêm-se nos livros, mas também a maneira pela qual essas razões são tantas repostas a problemas que emergem em um campo filosófico estruturado e polarizado, povoado por atores concretos e por sociabilidades intelectuais.

4. PLANO GERAL E CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

Durante o primeiro ano, concentrar-me-ei em dois pontos específicos: por um lado, a inscrição dos primeiros trabalhos (publicados e inéditos) de Deleuze durante os anos cinquenta e os anos sessenta em seu contexto de produção, por outro lado, um aperfeiçoamento dos instrumentos metodológicos que planejo empregar ao longo da pesquisa. Tratar-se-á de compreender o estado do campo filosófico antes e no momento da emergência do fenômeno estruturalista: por meio de um estudo histórico prosopográfico, planejo reconstruir o estado dos possíveis no qual o jovem Deleuze estava articulando sua posição teórica (entre polo criador e polo acadêmico, entre fenomenologia e história da filosofia). O estudo da posição da história da filosofia enquanto disciplina universitária e gênero literário durante os anos cinquenta e, mais em geral, durante a primeira parte do século XX na França, dará a ocasião para melhor definir as estratégias “excepcionalistas” na filosofia e aperfeiçoar o tipo de leitura no cruzamento entre história da filosofia e ciências sociais que tenho a intenção de aplicar à filosofia de Deleuze.

Durante o segundo ano, tratar-se-á de tirar as consequências teóricas concentrando-se concomitantemente na coerência das posições expressas na tese principal de Deleuze (*Diferença e repetição*) e em *Lógica do sentido*. O segundo semestre do segundo ano será dedicado à escrita de um artigo sobre a gênese da primeira obra a partir do rascunho e à redação do livro.

4. ATIVIDADES DE PESQUISA

1. Análise das cartas e manuscritos deleuzeanos dos anos cinquenta.
2. Reconstrução do campo filosófico e do espaço de possibilidades durante os anos 1950.
3. Análise das relações de Deleuze com Sartre e a fenomenologia.
4. Investigação da relação entre Deleuze e as ciências humanas.
5. Estudo das leituras heideggerianas de Deleuze.
6. A psicanálise e o campo literário (do surrealismo à *Tel Quel*).

7. Reconstrução da relação de Deleuze com a história da filosofia e a epistemologia.
8. Redação de um artigo sobre Deleuze e história da filosofia.
9. Redação da monografia (livro).

	2014							2015							2016									
	ju	u	g	e	u	o	e	a	e	a	b	a	u	u	g	e	u	o	e	a	e			u
	■	■	■																					
				■	■	■	■	■																
								■	■	■														
											■	■	■											
														■	■	■								
																■	■							
																	■	■						
																		■	■	■	■	■	■	■

5. DISSEMINAÇÃO E AVALIAÇÃO

5.1 Disseminação

1. A interlocução com Prof. Vladimir Pinhero Safatle Jr. e com o Grupo Latefisp, bem como com contatos internacionais já estabelecidos (com Inglaterra e, sobretudo, França) permitira um contexto de diálogo que servirá de difusão da pesquisa.

2. Apresentação dos resultados da primeira etapa da pesquisa na *Eighth International Deleuze Studies Conference* (2015) e organização de um congresso internacional sobre Deleuze em 2015, no aniversário de vinte anos de sua morte.

3. Publicação de uma monografia.

4. Por último, a publicação, em formato científico de certos documentos inéditos.

5.2 Avaliação

Estimamos que para avaliar os resultados da nossa pesquisa será preciso identificar nos artigos a demonstração das hipóteses do projeto e a consecução dos desafios contidos em cada objetivo de pesquisa.

6. BIBLIOGRAFIA

- ANHEIM, Etienne. LILTI, Antoine. VAN DAMME, Stéphane (dir.). *Histoire et philosophie. Annales. Histoire et sciences sociales*, n. 1, 2009.
- ARTIERES, Philippe. BERT, Jean-François. *Un succès philosophique : l'Histoire de la folie à l'âge classique de Michel Foucault*. Paris : PUC/IMEC, 2011.
- BARING, Edward. *The Young Derrida and French Philosophy, 1945-1968*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- BOSCHETTI, Anna (dir.), *L'espace culturel transnational*. Paris : Nouveau Monde Editions, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *L'ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Seuil, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. "L'illusion biographique", in *Raisons pratiques, Sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées". In *Actes de la recherche en sciences sociales*, t. 145, 2002, pp. 3-8.
- BOURDIEU, Pierre. *Méditations cartésiennes*. Paris: Seuil, 2003.
- CAMIC, Charles. GROSS, Neil. LAMONT, Michèle. *Social Knowledge in the Making*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- COSSUTTA, Frédéric. DELORMAS, Pierre. MAINGUENEAU, Dominique. *La vie à l'œuvre. Le biographique dans le discours philosophique*. Paris : Lambert-Lucas, 2013.
- CUSSET, François. *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze, & Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux Etats-Unis*. Paris : La Découverte, 2003.
- DELEUZE, Gilles. "Description de la femme: Pour une philosophie d'Autrui sexuée". In: *Poésie 45*, n. 28, 1945, pp. 28-39.
- DELEUZE, Gilles. "Dires et profils". In: *Poésie 47*, n. 36, 1948, pp. 68-78.
- DELEUZE, Gilles. "Du Christ à la bourgeoisie". In: *Espace*, n. 1, 1946, pp. 93-106.
- DELEUZE, Gilles. "Mathèse, Science et Philosophie". In: Jean Malfatti de Montereaggio, *La Mathèse ou anarchie et hiérarchie de la science*. Paris: Griffon d'or, 1946, pp. ix-xxiv.
- DELEUZE, Gilles. "Introduction". In: Denis Diderot, *La religieuse*. Paris: Marcel Daubin, 1947, pp. vii-xx.
- DELEUZE, Gilles. *Empirisme et subjectivité*, Paris, Puf, 1953, pp. 119-120.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris: Minuit, 1993.
- DELEUZE, Gilles. "L'immanence: une vie...". *Philosophie*, n. 47, 1995, pp. 3-7.
- DELEUZE, Gilles. *Ile déserte et autres textes*, Paris, Minuit, 2004a.
- DELEUZE, Gilles. *Abécédaire*. Paris : Editions Montparnasse, 2004b.
- DELEUZE, Gilles. "Cours sur le chapitre III de *L'évolution créatrice* de Bergson", in F. Worms (éd.) *Annales bergsoniennes*, II, Paris, Puf, 2006.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze et Félix Guattari: Biographie croisée*. Paris : La Découverte, 2007.

- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris : Puf, 1999.
- FABIANI, Jean-Louis. *Les philosophes de la République*. Paris: Minuit, 1988.
- FABIANI, Jean-Louis. *Qu'est-ce qu'un philosophe français?* Paris: Presses de l'EHESS, 2011.
- FOUCAULT, Michel. "Qu'est-ce qu'un auteur ?", in Id., *Dits et Écrits*, Paris : Gallimard, 1994.
- GODECHOT, Olivier. "Le marché du livre philosophique". In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 130, 1999, pp. 11-28.
- GROSS, Neil. *Richard Rorty: The Making of an American Philosopher*. Chicago: Chicago University Press, 2009.
- GUATTARI, Félix. *Écrits pour l'anti-Œdipe*. Paris: Lignes, 2012.
- GUEROULT, Martial. *Descartes selon l'ordre des raisons*. Paris: Albin-Michel, 1956.
- JACOB, Christian. *Lieux du savoir 2. Les mains de l'intellect*. Paris: Albin Michel, 2011.
- KERSLAKE, Christian. *Immanence and the Vertigo of Philosophy: From Kant to Deleuze*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2009.
- LAMONT, Michèle. "How to Become a Dominant French Philosopher: The Case of Jacques Derrida". *The American Journal of Sociology*, v. 93, n. 3, 1987.
- LATOURET, Bruno. *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*. Paris: La Découverte, 1993.
- MANNHEIM, Karl. *Das Problem der Generation*. In: Karl Mannheim: *Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk* Neuwied: Luchterhand, 1964.
- MORENO PESTANA, José-Luis. *En devenant Foucault, sociogenèse d'un grand philosophe*. Paris : Editions du Croquant, 2006.
- PINTO, Louis. *Les philosophes entre le lycée et l'avant-garde. Les métamorphoses de la philosophie dans la France d'aujourd'hui*. Paris, L'Harmattan, 1987.
- PINTO, Louis. *Les Neveux de Zarathoustra. La réception de Nietzsche en France*. Paris, Minuit : 1995.
- PINTO, Louis (dir.). *Le commerce des idées philosophiques*. Paris: Craquant, 2009.
- POUCET, Bruno. *Enseigner la philosophie. Histoire d'une discipline scolaire 1860-1990*. Paris: CNRS Éditions, 1999
- PROCHASSON, Christophe. RASMUSSEN, Anne. *Comment on se dispute. Les formes de la controverse. Mille neuf-cent*, n. 25, 2007.
- SCHLANGER, Judith. *Penser la bouche pleine*. Paris : Flammarion, 1983.
- SCHRIFT, Alan. "The effects of the agrégation de philosophie on twentieth-century French philosophy". In: *Journal of the History of Philosophy*, v. 46, n. 3, 2008, pp. 449-473. SOULIE, Charles (dir.). *Un mythe à détruire ? Origines et destin du Centre universitaire expérimental de Vincennes*. Paris: PUV, 2013.
- WORMS, Frédéric. *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Seuil, 2009.